

## **A GESTÃO DE SI NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

### **THE MANAGEMENT ITSELF IN HIGH-PERFORMANCE SPORT**

George Saliba Manske

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) - Brasil

[gsmanske@yahoo.com.br](mailto:gsmanske@yahoo.com.br)

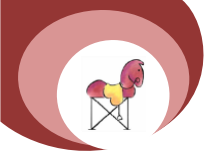
#### RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os programas elaborados, propostos e executados pela Agência Mundial Antidoping (WADA-AMA) com a intenção de orientar os atletas a ela filiados na gestão e regulação de suas próprias ações esportivas. A pesquisa realizada caracteriza-se como documental e toma como material empírico para análise as revistas *Play True* dos anos de 2002 a 2014, as quais são de editoração e publicação da WADA-AMA. Para análises são utilizados os conceitos de técnicas de si e tecnologias do eu elaborados por Foucault e, especialmente, as considerações e atualizações sobre estes conceitos realizadas por Rose. Discute-se os processos propostos pela WADA-AMA como estratégias de governo de atletas contemporâneos, através de formas imperativas de cuidado de si para consigo mesmo. Considera, ao final, que as ações propostas pela WADA-AMA inserem-se num escopo mais amplo de regulação de atletas e esportes de alto rendimento na atualidade.

**Palavras-chave:** Atletas. Doping. Regulação. Agência Mundial Antidoping.

#### ABSTRACT

This study aims to analyze the elaborated programs proposed and implemented by the World Anti-Doping Agency (WADA-AMA) intended to guide the athletes affiliated to it in the management and regulation of their own sports activities. The research is characterized as documentary and takes as empirical material for analysis the magazine *Play True* the years 2002-2014, which are editing and publication of the WADA-AMA. For analyzes are used the concepts of techniques you and I the technologies developed by Foucault and especially the considerations and updates on



these concepts made by Rose. It discusses the processes proposed by the WADA-AMA as government strategies of contemporary athletes through mandatory forms of self for himself. Considers, finally, that the actions proposed by the WADA-AMA are part of a broader scope of regulation of athletes and elite sport today.

**Keywords:** Athletes. Doping. Regulation. World Anti-Doping Agency.

*Recibido: 1 de marzo de 2019.*

*Aceptado: 15 de junio de 20*

MUSEO DEL JUEGO



## **INTRODUÇÃO**

Regular-se. Controlar-se. Vigiar-se. Gerenciar-se. Administrar-se. Governar-se. De modo imperativo, cuidar de si. Autoconhecimento e autogestão. Uma atualização, no campo esportivo, do preceito socrático do conheces a ti mesmo. A direção de si a partir de um conjunto de princípios e preceitos externos. Em suma, uma heteronomia.

O estabelecimento destas imposições para a garantia e efetividade de princípios, normas e leis pode nos conduzir a uma série de questionamentos e discussões que tangenciam o esporte de alto rendimento e os atletas contemporâneos, tais como: que estratégias e ações são utilizadas a fim de garantir o respeito e o cumprimento dos ideais olímpicos modernos? Como convencer um atleta de alto rendimento, frente a toda pressão e cobrança que incide sobre eles, para que sigam os princípios olímpicos na busca de suas vitórias e conquistas? Que mecanismos podem atuar na condução de suas ações? Além dos processos punitivos que cercam a conduta dos atletas de alto rendimento (como os afastamentos e banimentos do esporte) como convencê-los a manterem-se corretos e honestos ante as regras e regulamentações esportivas? Afinal de contas, fora as tecnologias de controle tradicionalmente exercidas sobre os esportistas que outros recursos e técnicas podem corroborar para que estes não façam uso de trapagens, doping, substâncias e métodos de aumento do rendimento físico que são proibidos pelos órgãos fiscalizadores e regulamentadores do esporte de alto rendimento?

É na trilha destes questionamentos que as discussões seguintes foram organizadas. Tomando os conceitos de tecnologias do eu e técnicas de si, enquanto parte dos processos de governo (Foucault, 2004), e atualizadas e redefinidas, sobretudo, para atender as questões particulares da contemporaneidade envolvendo as biotecnologias (Rose, 2013), que esse estudo discute os modos pelos quais a Agência Mundial Antidoping (WADA-AMA), órgão legitimado a exercer a elaboração, controle e fiscalização dos processos de dopagem no esporte de alto rendimento, estrutura ações e tecnologias para a regulação do doping no esporte, inculcando nos atletas de alto rendimento formas de autogerirem-se em suas ações esportivas.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**



Na condução destas discussões foram tomadas as revistas *Play True*, de editoração e publicação da WADA-AMA, como material empírico para análises. Desse modo, esta pesquisa caracteriza-se por ser do tipo documental. A pesquisa documental é caracterizada como aquela elaborada com base em documentos e que, em função das peculiaridades e singularidades que compõem cada processo investigativo, tanto os procedimentos de produção de dados como as interpretações sobre eles realizadas, acabam por ter características das mais diversas (Gil, 2002). O *corpus* de investigação se constituiu das edições da revista *Play True* dos anos de 2002 a 2014. Na seleção deste material para as análises aqui empreendidas foram agrupadas somente aquelas revistas que apresentavam elementos relacionados ao direcionamento do cuidado de si por parte dos atletas, as quais serão referenciadas ao longo deste trabalho.

No que tange aos processos de análise primeiramente foi realizado um exame de conteúdo geral da revista *Play True* a fim de identificar quais assuntos são abordados na revista, através dos subtemas que se apresentam. Em seguida, foram selecionados trechos que tratavam diretamente dos processos de gerenciamento dos atletas sobre si mesmos, assim como, as estratégias sugeridas pela WADA-AMA para que tais ações fossem efetivadas. Assim, a partir dos conceitos de técnicas de si e tecnologias do eu, se estabeleceu análises sobre aqueles excertos que tratavam diretamente dessa temática.

Nas discussões que seguem são tensionadas algumas ações e programas da WADA-AMA a partir da noção de técnicas de si. O cuidado de si proposto aos atletas submetidos à WADA-AMA se vale de diferentes técnicas e tecnologias e procuram, como alcance final, a gestão de si e dos outros, como parte estruturante de um governo mais amplo voltado à regulação da vitalidade dos atletas através do controle do doping.

## **DISCUSSÃO**



No que concerne aos pressupostos teóricos que sustentam as argumentações aqui propostas é possível indicar e definir, de maneira introdutória, os conceitos centrais que norteiam as discussões aqui presentes. Tais noções se referem às técnicas de si, ou as tecnologias do eu.

Dentre as diferentes formas nas quais as práticas de governo são moldadas e estabelecidas na contemporaneidade, tomando por referência os estudos de Foucault (Foucault, 2004), é possível atentarmos, especialmente, para novas considerações acerca das tecnologias do eu, ou ainda, as técnicas de si (2001). Essa forma específica de governo se assenta em tecnologias para a relação da pessoa consigo mesma, através de diferentes formulações e práticas, tais como o indivíduo conhecer a si mesmo (epistemológica), controlar a si mesmo (despótica) ou cuidar de si mesmo (cuidado) (Rose, 2001). Tais tecnologias do eu são corporificadas em práticas e técnicas particulares, como cartilhas de ensino, diários, confissões, entre outros, além de necessitarem de um *expert* autorizado e legitimado a orientar a relação do indivíduo para com ele mesmo (Rose, 2001).

De modo a melhor as técnicas de si é possível indicar que são

procedimentos que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relação de domínio de si sobre si ou conhecimento de si por si. Em suma, trata-se de recolocar o imperativo do conhecer-se a si mesmo (Foucault, 1997, 109).

Essa forma de governo do conheça-se, regule-se, cuide-se de si mesmo precisa de objetivos, metas e códigos específicos para sua organização e referência epistemológica, assim como, de diversos aparatos e materiais que corroborem e sustentem tais referências. E são essas referências morais que indicarão não apenas o cuidado que se deve ter consigo mesmo, mas, de modo mais amplo e abrangente, "o que fazer de si mesmo? Que trabalho operar sobre si? Como se governar, exercendo ações



onde se é o objetivo dessas ações, o domínio em que elas se aplicam, o instrumento ao qual podem recorrer e o sujeito que age?" (Foucault, 1997, 110).

Dentre os diferentes espaços e práticas promulgados pela WADA-AMA em que são incitadas diferentes técnicas de si é possível citar as ações de conscientização acerca do tema do doping nas diversas arenas esportivas. No programa de conscientização contra o doping nos eventos esportivos, por exemplo, comumente é exposto um banner de 4 metros quadrados nos lugares de maior circulação de atletas, intitulado "o comprometimento" ou "o testemunho". Ao passar pelo banner "atletas são requisitados para ler o testemunho (Eu acredito no espírito do *fair play* e rejeito o uso de doping no esporte) e em seguida assinam o banner [caso] apoiem o testemunho" (WADA-AMA, 2002, 6). Além do mais, os atletas também tem a opção de postar uma foto no banner por eles assinado, reafirmando, ainda mais, através de suas imagens, o compromisso firmado.

Esta parece ser uma das formas das tecnologias do eu citadas anteriormente qual seja, uma técnica despótica, na medida em que o sujeito deve exercer um controle sobre si mesmo, seus desejos, aspirações, impulsos (Rose, 2001). Acerca desse cerceamento em torno do atleta, para que regule a si mesmo, "há uma falta de comprometimento com a prevenção por meio da educação e uma carga de responsabilidade opressora colocada sobre o atleta que domina a cultura do doping no esporte" (Miah, 2008, 64), tendo em vista que o atleta é o principal responsável por todas as ações referentes ao doping e aquilo que permite que adentre seu corpo. Tal imposição não leva em consideração o fato de que a busca incessante pelo resultado esportivo, a "ilimitada superação de limites" (Vaz, 2005), e todos os outros aspectos e elementos envolvidos na busca do maior desempenho acabam por influenciar, sujeitar, impor ao atleta de alto rendimento, muitas vezes, o uso de métodos ou substâncias tidas como doping. Aliás, em muitos casos, o atleta sequer sabe que está utilizando um método ou substância proibida. Este emaranhado opressor sobre o atleta e, especialmente, à sua não problematização com consequente transferência de responsabilidades, pode ser compreendida como falta de comprometimento e prevenção pela WADA-AMA. Desse modo, não adianta apenas responsabilizar



um único sujeito por uma rede extremamente ampla e complexa da busca do ilimitado desempenho esportivo (Miah, 2008).

Além do mais, a tentativa de modelação da conduta dos atletas, nesse exercício de si para consigo, encontra argumentos no que é denominado de etopolítica (Rose, 2013). Por etopolítica se refere “as tentativas de modelar a conduta dos seres humanos mediante influência em seus sentimentos, crenças e valores – em resumo, agindo sobre a ética” (Rose, 2013, 46). A requisição dos atletas para lerem o banner citado anteriormente, em que é necessário reafirmar a si mesmo que crê no jogo limpo, se inscreve numa relação de si baseada na ética da justiça e equidade que permeia o ideal olímpico. Ações como esta compõem um emaranhado de valores e crenças que devem orientar as ações dos atletas submetidos à WADA-AMA, e assim se procura garantir o autogoverno, um dos pilares da governança de um coletivo de forma mais ampla.

Esta política do cuidado de si a partir da ética sugere que “a ética exige exercícios, regularidades, trabalho; porém, sem efeito de coerção anônima [. . .] Não é uma obrigação para todos, é escolha pessoal de existência” (Gros, 2002, 643). Ora, com isso, não se está dizendo que as ações da WADA-AMA não devem ser para todos os sujeitos – obviamente é isto que a Agência procura –, mas se quer afirmar que a prática do cuidado de si deve ser realizada mediante escolha individual do próprio sujeito, mesmo que ele tenha que considerar, como referência e extensão, as escolhas dos outros. É esta ação que o faz sujeito ético: o sujeito esportista na relação de si para consigo mesmo, ao acreditar veementemente no jogo limpo, dobrará a si mesmo tendo como princípios morais aquilo que acredita (a justiça e a equidade na disputa esportiva), sem o uso de elementos que potencializem sua performance. Evidentemente, desde que esses elementos sejam proibidos ou liberados pela WADA-AMA, enquanto instância que, através de seus especialistas e seus discursos de verdade, detém o poder de dizer o que é certo e/ou errado.

Cabe ressaltar, ainda, que estas práticas de governo de si através de técnicas de si fomentadas pela WADA-AMA, podem ser tomadas enquanto um controle da vitalidade dos atletas, pois operam no controle da vitalidade mesmo, da regulação do



aumento e aprimoramento do humano enquanto doping. Esse tipo de preocupação etopolítica que tem como direção o modo “como deveríamos conduzir a nós mesmos apropriadamente em relação a nós mesmos, e em nossas responsabilidades para com o futuro” (Rose, 2013, 46) parece encontrar nas ações da WADA-AMA um lugar de apoio para materializar-se enquanto estratégias de controle acerca do doping.

No programa “O Passaporte do Atleta”, por exemplo, a WADA-AMA oferece a possibilidade de o atleta se registrar e se autogerir a partir das informações disponibilizadas. O passaporte do atleta “é similar a um passaporte de viagem governamental”. Funciona da seguinte maneira: o atleta faz um cadastro e *login* no site da WADA-AMA e

recebe seu portal confidencial e personalizado de atleta. Logando, o atleta tem acesso aos seus resultados de controle de doping, informações antidoping, assim como, tem uma maneira fácil de atualizar a WADA-AMA sobre seu endereço e horários de treino. O programa é também uma linha direta de comunicação entre a WADA-AMA e o atleta (WADA-AMA, 2002, 10).

Além do mais, eventualmente, a base de dados do atleta poderá ser requerida e compartilhada com outros órgãos e instituições internacionais antidoping vinculadas a WADA-AMA, tais como federações internacionais, comitês olímpicos e etc. Assim, havendo essa harmonização de informações, condutas, resultados, os “atletas podem monitorar seu próprio histórico de testagem” (WADA-AMA, 2002, 10). Este tipo de ação de si para consigo incorre na atualidade pois há uma necessidade do cidadão biológico informar sobre si mesmo e a si mesmo acerca de suas suscetibilidades, inclinações e potencialidades de incorrer em riscos na ordem da vitalidade (Rose, 2013), nesse caso, no uso de substâncias proibidas pela WADA-AMA. Não obstante a isso, é possível inferir que na atualidade os indivíduos precisam, constantemente, do uso de algum tipo de droga para poder atender as demandas hodiernas vorazes e velozes (Couto, 2009). Desse modo, é cada vez mais comum se dopar, desde que se possa administrar a si mesmo, através de controles e





informações sobre seu atual estado de vida ou de 'espírito' (Couto, 2009). O programa antes mencionado, opera nesses mesmos moldes, como um espaço técnico de confissão e responsabilização do indivíduo, nesse caso, atleta.

Outro exemplo da responsabilização do atleta no que se refere à culpabilização sobre o uso de substâncias proibidas pela WADA-AMA pode ser analisado em outro evento internacional. Em dezembro de 2002, no Fórum Internacional de Atletas, que reuniu na Suíça representantes de atletas das diversas Federações Internacionais, associações continentais e Comitês Olímpicos, definiu-se, ao final, uma série de recomendações a serem seguidas por atletas de toda parte do mundo (WADA-AMA, 2002). Dentre as recomendações se destacam aquelas voltadas aos cuidados de si por parte dos atletas, assim como, suas responsabilizações, como já aludido. Uma destas recomendações enfatiza a necessidade dos "atletas assumirem total responsabilidade pela ingestão de qualquer substância, incluindo suplementos alimentares, que possam gerar resultados positivos nas amostras de doping" (WADA-AMA, 2002, 12). Além do mais, "os atletas aceitam o princípio que mesmo com as influências dos treinadores, agentes, médicos e governos eles são responsáveis por suas ações" (WADA-AMA, 2002, 13).

Assim, o cuidado de si deve ser estendido aos outros, pois o atleta deve ter o cuidado de gerir aquilo que lhe é oferecido, sendo o único responsável por aquilo que ingere e/ou coloca em seu corpo. Não basta ter um gerenciamento sobre suas ações, mas também, sobre as ações dos outros que digam respeito a ele mesmo. As técnicas que incidem no atleta para que cuide cada vez mais de si devem ser estendidas a toda a rede de suporte ao atleta. E aqui, ao cuidar de si mesmo, cuida concomitantemente dos outros que o cercam, e essas técnicas de cuidado se estendem a todos envolvidos, seja como exemplo, seja com regulação mesma. A importância do outro como referência para o cuidado de si é fundamental para esta relação de cuidado do sujeito consigo mesmo. Ao revisar a importância do outro nas tecnologias do eu, percebe-se que "o cuidado de si é, portanto, atravessado pela presença do Outro: o outro como diretor de existência, o outro como correspondente a quem escrevemos e diante de quem nos medimos, o outro como amigo que socorre, parente benfeitor" (Gros, 2004, 650). Parece caber



aqui a referência aos ex atletas que compõem o *staff* da WADA-AMA, na medida em que eles são muitas vezes solicitados a prestarem apoio aos atletas, sendo tomados como exemplos e referências para as ações a serem empreendidas pelos esportistas.

Ainda acerca dos cuidados e gerenciamentos sobre si por parte dos atletas submetidos à Agência, cabe destacar que no ano de 2005 a WADA-AMA lançou a plataforma ADAMS (*Anti-Doping Administration & Management System*), concebida, enquanto política de harmonização, para ser a “ferramenta de gestão de base de dados com base na web da WADA-AMA” (WADA-AMA, 2005, 1). Essa “plataforma proporciona funcionalidade e flexibilidade, bem como permite que os membros coordenem suas atividades de antidoping e cumpram com suas responsabilidades” (WADA-AMA, 2005, 1) referentes ao Código Mundial Antidoping. As técnicas de si aqui envolvidas são da ordem do despotismo, na medida em que exercem formas de poder que exigem que os atletas controlem a si mesmos, mediante a sujeição ao sistema implantando (Rose, 2001). Além disso, por estar alocado na página da WADA-AMA na Internet, este sistema se torna com muita facilidade acessível virtualmente de qualquer lugar do mundo. O atleta só “tem que conectar a um computador que conte com acesso à Internet para poder administrar seu perfil, atualizar informações, informar seu paradeiro, solicitar resultados de provas [...]” (WADA-AMA, 2005, 3), etc. Desse modo, o governo se dá de forma intermitente, e uma vez cadastrado, o atleta deve periodicamente atualizar seus dados, correndo o risco de, caso esteja desatualizado, sofrer punições, visto que seu cadastrado é visualizado por uma série de agências e órgãos vinculados à WADA-AMA. As Federações Internacionais e as Agências Antidoping ao redor do mundo, a partir da conectividade da Plataforma ADAMS, têm acesso às mais diversas informações sobre os atletas, pois esta plataforma serve “como um centro de distribuição e depósito central de todas informações referentes ao doping” (WADA-AMA, 2005, 2).

Mais adiante, no mesmo documento, é relatado que a função de mapeamento do paradeiro do atleta foi desenvolvida “para maximizar o efeito surpresa e a eficiência das provas não previstas [em períodos] fora de competição” (WADA-AMA, 2005,



3). Assim, através dessas estratégias, força-se o atleta a permanentemente exercer um controle e cuidado sobre si, gerenciando de forma ininterrupta suas atividades esportivas e profissionais. Está posto aqui uma espécie de coerção para que haja o controle do atleta sobre si, diferenciando-se daquele cuidado baseado em pressuposto ético – por ROSE denominado de etopolítica de si (Rose, 2013) –, efetivando-se, assim, um cuidado de si para si sob constante vigilância, uma espécie de atualização 'informacional' da famosa noção foucaultiana de panóptico.

A importância do gerenciamento de si por parte do atleta materializa-se numa edição especial da revista *Play True* sobre este tema, que teve como título central "Implicando o Esportista" (WADA-AMA, 2009). Extensamente dedicada às estratégias para que o atleta se engaje nas ações antidoping, a revista procura destacar as ações realizadas ao longo dos anos na conscientização dos esportistas. Embora seja referido no editorial da revista que a luta contra o doping deve estar focada para além da centralidade do atleta, é possível perceber excertos que o posicionam no centro e o responsabilizam nesta cruzada do jogo limpo – *play true*. Entrementes, o

modelo antidoping tradicional tem evoluído de uma estratégia que se centrava unicamente no esportista e dependia basicamente dos controles, investigação e educação, para um novo tipo de modelo que incorpora o entorno do desportista e os elementos que originam o doping [. . .] tais como a batalha contra a produção, distribuição e tráfico de substâncias ilegais [. . .] (WADA-AMA, 2009, 1).

O excerto segue na direção de ainda contemplar as parcerias com indústrias farmacêuticas e laboratórios de pesquisa, o desenvolvimento de estratégias e métodos de detecção, a cooperação entre órgãos públicos e privados, etc. Mesmo que se aluda sobre a ampliação das formas e estratégias antidoping, ao longo desta edição da *Play True*, ocorrem 'deslizes' e 'vazamentos' destes discursos, ou seja, reitera-se, em inúmeros momentos, a responsabilização dos atletas no cuidado de si acerca do doping. Na página seguinte ao editorial,



por exemplo, ao comentar sobre o uso de doping por parte de atletas, é externado que “quem decide não dopar-se somente toma essa decisão por convicções pessoais fundamentadas em valores sólidos como respeito, saúde, honra, dedicação e trabalho duro” (WADA-AMA, 2009, 2). Ou ainda, em outro trecho:

Estamos convencidos que a dissuasão e detecção desempenham um papel chave na luta contra o doping, mas a solução a longo prazo consiste em programas educativos eficazes baseados em valores que capacitem os desportistas e os jovens para tomarem decisões informadas e proteger a integridade do esporte (WADA-AMA, 2009, 3)

Assim, ao que parece, a decisão do uso do doping ou não compete somente ao esportista. A ele são oferecidos todos os recursos disponíveis para que tome a decisão correta, desde cartilhas, Programas Oficiais, informações virtuais, estratégias reguladoras e punitivas, mas, ao fim e ao cabo, compete somente a ele, a partir de um código moral universal que rege o esporte moderno, avalizado e regulado pela WADA-AMA, a decisão do uso ou não de substâncias ou métodos considerados doping. Assim, independentemente de usar ou não, o atleta é o único responsável por gerenciar – governar – a sua vitalidade, desde os preceitos do conheça-se, cuide-se, controle-se a si mesmo.

#### 4. CONCLUSÕES

Neste estudo foi discutido e analisado o material da WADA-AMA presente nas revistas *Play True* desde o conceito de técnicas de si, elaborado inicialmente por Foucault, mas atualizado, sobretudo, por Rose. Para Rose o domínio de si para consigo, através de técnicas e tecnologias do eu, consiste num nível fundamental de gerenciamento da vitalidade contemporânea. Cabe ressaltar que as práticas de si para consigo existiram ao longo de muitos anos na humanidade. O que as difere deste momento histórico-cultural é que elas operam no controle da vitalidade do desempenho humano. No caso deste estudo, tais práticas de si no governo da vitalidade



são de extrema importância na regulação do doping nos atletas de alto rendimento, na medida em que muitos métodos ou substâncias proibidos ainda não são facilmente detectáveis pelos métodos antidoping disponíveis. Reitera-se, por fim, que as estratégias de governo de si por parte dos atletas se compõem com parte fundamental de um controle da vitalidade esportiva de modo mais amplo, necessitando de olhares e análises que não apenas descrevam os mecanismos de regulação dos atletas alvo desses investimentos, mas discutam e insiram essas práticas num rol de problematização que possibilite reflexões acerca da constituição de verdades e subjetividades esportivas na contemporaneidade.

## **REFERÊNCIAS**

Couto E. (2009). *Corpos dopados. Medicalização e vida feliz*. Rio Grande, FURG, 43-53.

Foucault M. (1997) *Resumo dos cursos do Collège de France (1970 – 1982)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 99 – 106.

Foucault M. (2004). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes.

Gil A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, Atlas.

Gros F. (2004). *Situação do curso. A hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 613-632.

Miah A. (2008). *Atletas geneticamente modificados: ética biomédica, doping genético e esporte*. São Paulo, Phorte.

Rose N. (2001). *Como se deve fazer a história do eu*. *Educação e Realidade*. 26, 33-57.

Rose N. (2013). *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no Século XXI*, São Paulo, Paulus.



Vaz A. (2005). Doping, esporte, performance: notas sobre os "limites" do corpo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 27, 23-36.

World Antidoping Agency (2002). Play True. 2002. Available from <http://www.wada-ama.org/>

World Antidoping Agency (2005). Play True. 2002. Available from <http://www.wada-ama.org/>

World Antidoping Agency (2009). Play True. 2002. Available from <http://www.wada-ama.org/>



***ATHLOS. Revista Internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte***

International Journal of Social Sciences of Physical Activity, Game and Sport

Vol XVIII- Año VIII

Septiembre 2019

MUSEO DEL JUEGO

[www.museodeljuego.org](http://www.museodeljuego.org)©

ISSN: 2253-6604